

Comentários Sobre o Quarto Confronto Entre Árabes e Israelenses

Major-General J. D. LUNT

Tradução do artigo publicado na revista
"The Quartely", pelo Ten Cel Art QEMA
MARIO DOS SANTOS ANDRÉ

A Surpresa Árabe

Pode-se afirmar, sem receio de equivocar-se, que a maioria dos comentaristas militares não atribuíam qualquer possibilidade de êxito aos exércitos egípcios que cruzaram o Canal de Suez e estabeleceram sólidas cabeças-de-ponte em sua orla oriental ao desencadear-se a última guerra entre árabes e judeus. Eu mesmo, que sinto muitas simpatias pela causa árabe, pensava assim. Os egípcios possuem muitas e excelentes qualidades, mas nos últimos anos não se têm distinguido precisamente por sua eficiência militar e, não há dúvida, este mesmo ponto de vista era compartilhado pelo Estado-Maior israelense, se não como explicar-se o fracasso dos exércitos judeus em aniquilar a ofensiva egípcia no seu nascedouro?

Este erro do Estado-Maior israelense não tem sido o primeiro. Muitos outros exércitos têm cometido a mesma falha de subestimar as possibilidades do inimigo. Mas o que é surpreendente é que, apesar das experiências obtidas em 1956 e 1967, o Alto Comando israelense não soube, nesta ocasião, levantar as verdadeiras possibilidades do exército egípcio.

Assim sendo, o incrível ocorreu. Os egípcios não somente asseguraram as suas cabeças-de-ponte na orla oriental do Canal como, também, resistiram aos intentos dos israelenses de fazê-los retroceder. É verdade, todavia, que os egípcios não foram muito ambiciosos. Uma vez que conseguiram assegurar as suas posições não aprofundaram, pelo que se deduz que estavam tão surpreendidos do seu êxito como, também, o resto do mundo.

Por outro lado, talvez, chegassem a pensar que, quanto mais avançassem no Sinai maiores seriam os seus problemas logísticos e, ademais, que isto significaria em perder a cobertura que lhes era oferecida pela rede de plataformas de lançamentos dos foguetes SAM expondo, portanto, as suas unidades blindadas aos efeitos da aviação judia. Se isto foi efetivamente o motivo, é lógico pensar-se que dirigiram todo o seu esforço em apoderar-se tão-somente da orla oriental do Canal de onde os SAM os protegiam completamente dos efeitos da força aérea israelense.

Erro de Cálculo e de Informações

É muito difícil explicar-se, contudo, por que os israelenses calcularam tão erroneamente as possibilidades dos exércitos sírio e egípcio. Dizer que o ataque árabe começara no "Dia do Perdão" não é motivo suficiente para justificar a atitude do exército israelense pois, certamente, não foi esta a primeira vez na história que uma guerra começou em um dia festivo ou memorável. Com os modernos sistemas de vigilância, é virtualmente impossível concentrar grande número de unidades blindadas e outro material de guerra sem que sejam detectados e, por outro lado, a enorme eficácia do serviço de informações de Israel estava demonstrada em numerosas ocasiões. Como, então, explicar-se as maciças concentrações de unidades armadas tanto egípcias como sírias, cada uma em sua zona de ação, sem que os judeus realizassem, ao menos, uma atividade equivalente e não os detectas-

sem? Por outro lado, é fácil compreender-se a posição do governo israelense na sua indecisão supondo-se terem sido detectadas tais concentrações de efetuar um contragolpe preventivo — a reação do mundo face a sua atitude durante a guerra dos "Seis Dias" estava na lembrança de muitos dos seus dirigentes — mas não obstante, o que não se comprehende é porque não reforçou as suas guarnições de fronteira.

Uma vez iniciados os combates, os judeus quedaram-se tão surpreendidos da capacidade de luta dos soldados egípcios e sírios quanto também o resto do mundo. Desde o começo da guerra ninguém duvidava de que esta nova confrontação entre árabes e israelenses poderia ser outra "guerra relâmpago". Assim, por exemplo, os sírios que constituem um povo inquieto e cujo exército, desde a independência do país, tem sido uma força mais política do que militar, obrigou ao seu inimigo a empregar-se a fundo na defesa das alturas de Golan, apesar do seu êxito inicial ter sido menor que o alcançado pelos egípcios no Canal, pois estes conseguiram estabelecer-se permanentemente na orla oriental, e todos os intentos israelenses com a finalidade de destruir as cabeças-de-ponte estabelecidas pelos exércitos egípcios foram anulados pela ação dos SAM. Por outro lado é verdade que a contra-ofensiva do General Sharon, de conseguir cruzar o Canal na direção oposta e que foi rapidamente explorada em direção a Suez, cortando em dois o III Exército Egípcio colhendo de surpresa o Alto Comando egípcio, confirmando a tradição dos táticos judeus. Mas, desgraçadamente para Israel, Sharon atuou muito tarde. A realidade é que, nos últimos anos, todas as guerras que eclodiram nas áreas conflitivas do mundo estão sujeitas a um limite de tempo, o qual não estabeleceram os combatentes mas as grandes superpotências — Rússia e Estados Unidos da América do Norte. Estas duas potências sabem que levariam a pior no caso desses acontecimentos escaparem ao seu controle e, portanto, sempre estão prontas para intervir, tão logo o Conselho de Segurança das Nações Unidas dê por finalizadas as suas reuniões habituais para estes casos ou, então, chegam a algum tipo de acordo nego-

ciado diretamente entre elas. A experiência tem demonstrado que todo este processo leva, em média, para produzir-se uns dez ou quinze dias. Portanto, a contra ofensiva de Israel ao realizar-se tardiamente, com referência a este período, esteve a ponto de fracassar, pois é indubitável que, se a guerra durasse uns dias a mais, ocorreria com o II Exército judeu que se encontrava ao Sul de Ismaília o mesmo que ocorreu com o III Exército egípcio, que fora forçado a capitular.

Pois tal como se desenrolaram os acontecimentos, os israelenses como resultado de sua falha em apreciar a situação quanto a espaço e tempo, se viram expostos a enfrentar uma situação quase impossível. Estiveram a ponto de perder tudo o que haviam conseguido na brilhante campanha de 1967 e, mais ainda, permitiram que tanto os sírios como os egípcios superassem o complexo de que o soldado judeu era invencível. E, desde o momento em que a moral da vitória das nações árabes alcançou grau inesperado, eles adquiriram confiança em si mesmos, permitindo-lhes realizar o que nenhum de seus aliados ocidentais houvera acreditado possível: unirem-se todos em um só bloco para negar ao Ocidente o petróleo de que tanto necessita. Se os egípcios tivessem falhado em sua ação inicial de cruzar o Canal ou, então, havendo cruzado tivessem sido rechaçados, é bem provável que os árabes não houvessem podido afirmar essa unidade.

Éxito das Armas Técnicas

Um dos aspectos técnicos mais interessantes desta última guerra foi o afortunado emprego dos SAM e dos mísseis anti-carro. Os judeus, quanto ao número de carros de combate, tinham, provavelmente, muito mais que os seus inimigos, porém devido à ação dos mísseis, sofreram gravíssimas perdas em suas unidades blindadas já que aqueles são muito mais econômicos e fáceis de manejar do que os carros de combate. Estaremos, talvez, chegando à época em que o carro de combate deixará de ser “o rei” do campo de batalha? Este tem sido o

sonho dos infantes desde que se descobriu tão mortífera arma, mas os especialistas em unidades blindadas tem argüido sempre contra essa idéia. Como em sua época o fizeram os cavalarianos das unidades a cavalo contra o mesmo carro de combate. Igualmente, poderia dizer-se quanto ao emprego da aviação em vôo rasante, se os SAM são efetivamente tão mortíferos como parecem que têm sido na defesa das pontes do Canal. Ante a falta de informações sobre ambos os assuntos, não podemos fazer outra coisa senão especular; porém, se é verdade o que os jornais têm publicado, um dos mais importantes princípios da tática está a ponto de invalidar-se. Até o presente costumava-se dizer que o importante não é a arma mas sim o homem que a maneja, porém o que dizer nesta hora quando contamos com uma arma tão eficaz e tão fácil de manejar que até uma criança as poderia utilizar?

Lição a Deduzir

Podíamos perguntar de novo, até que ponto influiu um erro de cálculo na guerra? O argumento a favor de que não importa que as forças convencionais estacionadas na Alemanha estejam desequilibradas com relação às do bloco oriental, tem sido sempre o de apoiar a teoria de que esse desequilíbrio está compensado por armas nucleares e que estas servem como escudo para se evitar uma nova guerra. Este confrontamento de forças convencionais, dizem, duraria o tempo necessário para que as duas superpotências refletissem sobre as consequências do emprego de armas nucleares. Aqueles que se opõem a este argumento, afirmando que o entretenimento de tais forças resulta em muito dispêndio e que segundo eles a guerra por "erro" não é provável que se realize, nos põe ante um dilema com risco a correr muito grande.

É possível que os efeitos da quarta guerra árabe-israelense nos façam recapacitar de novo a todos já que é mais que provável que a situação do mês de outubro de 1973 no Oriente Médio não venha a repetir-se. Nem a América nem a Rússia,

por outro lado, jamais acreditarão nas ameaças do Presidente Sadat de lançar o Egito a uma nova guerra; e se isto acontecer somente cabe atribuí-lo a que tanto Washington como Moscou depreciaram, também, como os judeus, as possibilidades de Sadat.

Desta vez os árabes contam com algo importante — o controle do petróleo —. No passado, favorecer a causa árabe ou judia limitava-se somente a uma questão emocional e não se concebia muita importância aos fatores econômicos, sobretudo desde que o Ocidente descobriu que podia viver sem o Canal de Suez. Mas o petróleo assinalou uma nova dimensão ao problema e se os árabes conseguirem permanecer unidos, o Mundo Ocidental ver-se-á ameaçado. Em outras palavras, as nações ocidentais estão obrigadas a negociar com eles e, portanto, a rever a sua posição com Israel, ou caso contrário, verão paralisadas as suas indústrias.

O mais lamentável de tudo é que Israel, se chegou a ser o que é, deve isto a sua vitória de 1967. Os árabes não somente haviam sido derrotados mas também humilhados: o coração da Palestina e a orla ocidental da Jordânia os haviam sido arrebatados, e Jerusalém, a terceira capital do Mundo Islâmico, já não estava sob o domínio árabe. O Canal fechou-se ao tráfego, não por ordem egípcia, mas pelos efeitos das armas israelenses. De todos é sabido que o tempo de fazer concessões não é o da vitória, porque com o decorrer do tempo as atitudes se abrandam; paradoxalmente, por outro lado, endurecem-se tais posições, porque poucos são os povos que suportam uma atitude humilhante indefinidamente, como o tem demonstrado, tantas vezes, o povo judeu. Por que, então, vão suportá-la os árabes? É muito possível que os israelenses tenham alcançado essas fronteiras, necessárias teoricamente para a sua defesa, que reclamam para si, mas que nos deixa a dúvida de que talvez não poderão seguir ocupando-as durante muito tempo.